

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora
instagram.com/marcador_editora

© 2018

Reservados todos os direitos para a língua portuguesa (exceto Brasil) à Marcador Editora,
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

© 2017 by Nelson DeMille

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal.

Título original: *The Cuban Affair*

Autor: Nelson DeMille

Tradução: Pedro Cordeiro

Revisão: Isabel Garcia/Editorial Presença

Paginação: Maria João Gomes

Capa: Vera Braga/Marcador Editora

Imagens de capa: Shutterstock (exceto a figura do homem: Tyler Nix-Unsplash)

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal n.º 446 469/18

1.ª edição, Lisboa, novembro, 2018

CAPÍTULO 1

Eu estava no bar do Green Parrot à espera de um tipo de Miami chamado Carlos, que me tinha ligado para o telemóvel, uns dias antes, a dizer que talvez tivesse um trabalho para mim. Carlos não me dissera o seu apelido, mas identificara-se como cubano-americano. Não sei porque precisava dessa informação, mas respondi que era escocês-irlandês-inglês-americano, caso ele estivesse a interrogar-se.

Chamo-me Daniel Graham MacCormick — conhecido por Mac —, tenho 35 anos e descrevem-me como alto, moreno e rudemente belo. Isto vem da clientela *gay* do Parrot, mas não me importo. Vivo na ilha de Key West e sou dono e capitão de um barco de pesca de alto-mar com 42 pés chamado *Maine*, em honra ao Estado onde nasci e não ao navio de guerra americano que explodiu no porto de Havana, embora haja quem pense que é por isso.

Costumo fazer marcações pelo telefone e a maioria dos meus clientes é repetente ou vem recomendada por alguém, ou então por via do meu *site*. O grupo aparece um quarto de hora antes da partida e lá vamos atrás de espadarte, peixe-vela, atum, tubarão, o que for. Outras vezes, o cliente apenas quer dar um passeio para apreciar a paisagem. De vez em quando, levo com torneios de pesca em cruzeiros românticos ao pôr do Sol. É o que o cliente quiser. Desde que seja legal.

Mas este gajo, o tal Carlos, queria um encontro prévio. Deu-se ao trabalho de vir de Miami e o seu tom era algo enigmático, o que me levou a pensar que não estávamos a falar de pesca.

— Queres outra? — perguntou Amber, a empregada do bar.

— Sem lima.

Amber abriu mais uma *Corona* e enfiou uma rodela de lima no gargalo.

— A lima ofereço eu.

Amber é bonita, mas um bocado bruta a servir. Como quase toda a gente neste lugar a que chamamos Conch Republic, vem de fora e tem uma história.

Também eu venho de fora — do Maine, conforme já disse, e especificamente de Portland, que está diretamente ligada a Key West pela Autoestrada 1 dos Estados Unidos ou por um cruzeiro pela costa, mas que é tão longe daqui como Plutão do Sol. Já agora, ficam a saber que passei cinco anos no Exército dos Estados Unidos, como oficial de infantaria, e fui parar ao Afeganistão. Esta é a versão curta de como aqui cheguei. A versão longa é uma versão longa, e ninguém em Key West quer ouvir histórias longas.

Eram cinco da tarde, mais hora menos hora. Os cidadãos da Conch Republic não gostam muito de relógios, e é por isso que cá estão. Guiamo-nos pelo Sol. E também nos separámos oficialmente dos Estados Unidos, pelo que somos todos expatriados. Tenho mesmo um passaporte da Conch Republic com as cores do arco-íris, emitido pelo autoproclamado secretário-geral da República, um tipo chamado Larry que tem um pequeno gabinete em Angela Street. O passaporte foi um presente, por piada, do meu imediato, Jack Colby, que é, como eu, veterano do Exército. Jack veio marado do Vietname e marado continua, mas assim como um velhote, por isso os meus clientes pensam que ele é só rabugento, e não maluco. A *T-shirt* preferida dele diz: «As armas não matam pessoas. Quem as mata sou eu.» Talvez seja mesmo maluco.

Não sabia bem as horas, mas sabia em que mês estava: outubro.

Era o fim da época dos furacões, pelo que o negócio estava a ganhar ritmo.

A Amber, que estava de *top*, bebericava um café e vigiava a multidão. A clientela regular do Green Parrot é eclética, excêntrica e maioritariamente descalça. O proprietário, Pat, também é um bocadinho louco. Diz aos turistas que o paraquedas que pende do teto está a cair por causa do peso dos cocós das térmitas.

— Como é que te corre o negócio? — perguntou Amber.

— O verão foi bom. Setembro, uma merda. Agora vai recuperando.

— Ias levar-me a passear em setembro.

— Tive de fazer a manutenção no barco.

— Pensei que ias velejar até ao Maine.

— Também eu.

— Se alguma vez fores, diz-me.

— Vais precisar de uma camisola.

Um cliente pediu mais um copo e Amber afastou-se.

A verdade é que nunca dormi com a Amber, embora já tenhamos nadado nus, ao largo do forte Zachary Taylor. Ela tem uma tatuagem com uma borboleta no rabo.

O bar estava a ficar cheio e eu cumprimentei algumas pessoas. Malucos, *geeks*, excêntricos simpáticos e alguns sócias de Hemingway. Ele viveu aqui e, por dez dólares, pode-se visitar a sua casa. A minha pode-se visitar gratuitamente. Tragam cerveja. Em todo o caso, o lema oficial de Key West é «Uma Família Humana». Bom, não devem ter conhecido a minha família. E não foram ao Afeganistão para ver o resto da família humana. Ou, como Jack, ao Vietname. Ou se foram, estão aqui como eu e Jack, a flutuar num mar de amnésia alimentada a álcool. Estou aqui há quatro anos. Cinco já bastam para nos esquecermos do motivo por que viemos. Depois disso, não se regressa a casa.

Mas, ouçam, podia ser pior. Isto é um paraíso. Melhor do que duas comissões no Fodistão. Melhor do que estar a congelar no Maine. E, definitivamente, melhor do que o n.º 23 de Wall Street, onde trabalhei durante um ano depois de acabar o curso no Bowdoin College. Se tivesse ficado na Hamlin Equities já tinha morrido de tédio.

Em vez disso, tornei-me capitão do *Maine* e ex-capitão de infantaria com 50% de incapacidade em combate e um empréstimo bancário de 250 mil dólares para o barco. A incapacidade de 50% serve para receber, não tenho limitações físicas, a não ser para fazer a lida da casa. O empréstimo bancário é 100% uma chatice.

Mas quando estou no mar, especialmente à noite, sou livre.

Sou capitão do meu próprio destino.

E foi por isso que aceitei encontrar-me com Carlos, o cubano, que não estava interessado em pescar. Isso deu para perceber da nossa curta conversa telefónica. E não seria eu o primeiro capitão de navio a envolver-me com gente daquela.

Bom, tencionava ouvir e ver se era possível tomar uma decisão inteligente — como a de deixar Wall Street e alistar-me no Exército em busca de aventura. Que tal te correu isso, Mac?

Ser capitão do seu próprio destino não significa que se tome sempre boas decisões.

CAPÍTULO 2

Um homem bem vestido entrou pela porta dupla e eu soube logo que era Carlos. Tinha bom aspeto, talvez trintão, com a cabeça coberta de cabelo castanho, bem penteado, e pele clara. Trazia umas calças de linho bege bem engomadas, sapatos *Gucci* e um polo, que parecia caro, da cor da minha rodela de lima. Deu-me a impressão de ser um homem que passara a manhã no seu *closet* com ar condicionado a tentar decidir o que vestir para condizer com Key West. Infelizmente falhara. Mas não estamos aqui para julgar ninguém e o certo é que parte da clientela *gay* parecia intrigada.

Tinha-me vestido bem para a reunião, com calças de ganga clara, sapatos de marinheiro, em vez de chinelos, e uma *T-shirt* de marca que dizia: «*T-shirt* de Marca».

Eu sabia que Carlos não tinha ido buscar o meu número às Páginas Amarelas, logo, tinha de saber alguma coisa sobre mim e decidira que Daniel Graham MacCormick poderia querer trabalhar para ele. Bom, talvez até quisesse, mas seguramente não ia fugir a meio da noite para Cuba.

Carlos descobriu-me ao balcão e dirigiu-se a mim. Estendeu a mão.

— Carlos.

— Mac.

Demos um aperto de mão.

— Obrigado por este encontro.

Quando alguém me agradece por um encontro é porque tem algo para me vender. Ou se calhar Carlos era apenas um cavalheiro bem-educado. Provavelmente era cubano de terceira geração, sem sotaque, mas é possível detetar o bilinguismo dessa gente, que fala inglês bem modulado e tem uma sintaxe algo retorcida. Muitos utilizam nomes de batismo espanhóis, isto é, ele não se chamava Carl.

— O que bebe? — perguntei.

Ele olhou para a minha *Corona*.

— A mesma coisa.

Chamei a atenção de Amber e pedi duas *Coronas*.

Amber olhou para Carlos de cima a baixo e gostou do que viu, mas Carlos não reparou, porque estava a perscrutar o Green Parrot, sem saber bem o que estava a ver. Podia ter-me reunido com Carlos no barco, mas algo me dizia que devia encontrar-me com ele num espaço público, coisa a que não se opôs, o que era um bom começo. Além disso, podia pagar-me a conta do bar.

Amber entregou a Carlos a sua *Corona* com lima e com um sorriso, fazendo deslizar a minha sobre o balcão.

Carlos e eu brindámos.

— Saúde — disse ele.

Reparei que tinha um *Rolex*.

— Já tinha vindo a Key West? — perguntei.

— Não.

— Como é que chegou cá?

— De carro.

São cerca de quatro horas de Miami, pela Autoestrada 1, que aqui é conhecida como Autoestrada do Mar¹, pois liga um arquipélago de cem milhas de comprimento, ponte por ponte, até chegar a Key West, a última ilha, a 90 milhas de Cuba. Há quem diga que é a estrada mais bonita da América; outros acham-na enervante e da vez seguinte apanham o barco ou o avião. Ou nunca cá voltam. O que não é problema para os residentes permanentes com outros meios de subsistência. Eu, contudo, dependo dos clientes do continente. Como Carlos. Que conduziria quatro horas para me ver.

— Em que lhe posso ser útil?

— Estou interessado em reservar o seu barco para um cruzeiro a Cuba.

Não respondi.

— Há um torneio de pesca, que parte daqui para Havana dentro de umas semanas.

— A Marinha cubana sabe disso?

Ele sorriu.

— É um evento autorizado, é claro: *Pescando por la Paz*. — E recordou-me: — Estamos a normalizar as relações. O Degelo Cubano.

— Certo.

Eu já tinha ouvido falar do novo torneio de pesca cujo nome tinha duplo sentido — *Pescando por la Paz*, à pesca da paz —, mas não estava metido nele.

¹ *Overseas Highway*, no original. (N. do T.)

Nos anos de 1990, antes do meu tempo, havia torneios de pesca e regatas regulares entre os Estados Unidos e Cuba, incluindo o Torneio Hemingway, que durou 70 anos, mas Bush filho acabou com tudo isso. Agora estava tudo a reabrir. O Degelo Cubano. A Câmara de Comércio de Key West até tinha um novo *slogan*: «Duas Nações, Umás Férias». Sonante. Mas ainda não está a acontecer.

— Então, está interessado? — perguntou Carlos.

Dei um gole na cerveja. Bem, talvez fosse tudo legítimo e Carlos não quisesse que eu entrasse pelo porto de Havana para fazer explodir o *Maine*, resgatar dissidentes ou coisa que o valha.

Tinha perguntas a fazer a Carlos — como saber quem era — mas fazer perguntas significa que se está interessado. E isso significa que o preço passa a estar aberto para negociação.

— Cobro mil e duzentos por um dia de oito horas. A tarifa para torneios depende de variáveis.

Carlos acenou com a cabeça.

— Trata-se de um evento de dez dias, começa no sábado, vinte e quatro, e regressamos na segunda-feira, dois de novembro. Dia de Finados.

— Dia de quê?

— É o chamado Dia de Todos os Santos nos Estados Unidos.

— Certo, isso soa melhor.

Um torneio de pesca costuma durar quatro a seis dias, mas Carlos explicou:

— A frota do torneio começa por fazer uma paragem de uma noite em Havana, depois segue para o torneio em Cayo Guillermo, um dia para leste de Havana. Conhece o lugar?

— Não.

— Era o sítio preferido do Ernesto para fazer pesca em alto-mar. — Sorriu. — Hemingway, não o Guevara.

Devia ser uma velha piada cubana.

— Foi o cenário da sua famosa obra *Ilhas na Corrente* — prosseguiu. — Já leu?

— Sim.

— Então já conhece o lugar. Da melhor pesca pelágica do mundo.

Fiquei impressionado por ele saber o significado de «pelágico». O preço acabava de subir.

— O torneio é para pescar peixes de bico: peixe-vela, espadarte e espadim. Está disponível?

— Talvez. É muito combustível. Digamos que três mil por dia.

Ele parecia estar a fazer contas de cabeça e, se tivesse jeito para elas, teria chegado a um valor de 30 mil. Que me dava jeito. Não costumo apregoar, mas disse-lhe:

— O *Maine* dá para quatro à vontade, ou mesmo cinco amigos próximos. O meu imediato e eu cedemos os catres. O preço inclui equipamento de pesca, combustível, isco e o que mais faltar. Calculo que seja para libertar o peixe, porque não posso conservar peixes grandes em gelo. A comida e a bebida são convosco e tenho de ver a vossa licença e as autorizações para Cuba. — E lembrei-o: — A Florida não cobra imposto sobre valor acrescentado no aluguer de barcos de pesca, pelo que trinta mil é o valor final sem mais encargos, além da gorjeta para o imediato, digamos que dez por cento. Eu dispenso a gorjeta. — Também lhe disse: — Teria de cancelar umas marcações que já tinha.

— No *site* só havia uma marcação para esse período.

— A sério? Tenho de o atualizar. Bom, o preço é esse.

— Sabe regatear, senhor MacCormick.

— Capitão.

— Capitão. — Olhou em redor. — Vamos arranjar uma mesa.

— Porquê?

— Há mais uns pormenores que tem de saber.

Era o que eu temia.

— Olhe... Carlos, eu faço cruzeiros. Pesca, passeio, por vezes festas. Julgo que consigo fazer um torneio, mesmo em Cuba, mas outras coisas não faço. Estamos entendidos?

Carlos não respondeu e o seu silêncio dizia tudo.

— Mas obrigado por ter pensado em mim.

Pedi a Amber que desse a conta a Carlos e desejei-lhe boa viagem de volta a Miami.

— Dois milhões — retorquiu ele.

— Desculpe?

— Foi o que ouviu.

Virei-me para Amber:

— Não tires já a conta. — E para Carlos: — Vamos lá arranjar uma mesa, amigo.

CAPÍTULO 3

Levamos as cervejas para uma mesa recolhida e sentámo-nos. Não imagino quantos negócios duvidosos já se fizeram naquele lugar nos últimos 125 anos, mas se as paredes do Green Parrot tivessem ouvidos, diriam: «Mostra-me o dinheiro.»

— Dois milhões — disse eu.

— Correto.

— Por um torneio de pesca.

— Não. Isso são trinta mil. Cheque visado à cabeça. Os dois milhões são em dinheiro, pagos após a conclusão de um trabalho em Cuba.

— Parece um trabalho difícil. Com quem estaria eu a trabalhar? — perguntei.

Carlos tirou um cartão de visita do bolso e passou-mo sobre a mesa.

Olhei para o cartão. «Carlos Macia, Advogado.» Tinha um bom endereço em South Beach, mas não havia nenhum nome de escritório.

— Sou conhecido em Miami — disse ele.

— Porquê?

— Porque estou muito envolvido com grupos anticastristas.

Deixei o cartão sobre a mesa e olhei para Carlos Macia. Por estranho que pareça, agradava-me estar a falar com um jurista. Alguns dos adversários dos Castro eram *conboys*, por vezes desmiolados e, não raro, um perigo para si mesmos e para os outros. Olhei para ele.

— Quem me recomendou?

— Amigos.

— Explique lá do que é que precisa, senhor doutor.

Ele olhou à volta da sala, pejada de gente.

— As paredes têm ouvidos.

— Na verdade o que têm é térmitas. E aqui ninguém quer saber da nossa conversa. Ouça, senhor Macia, ofereceu-me dois milhões de dólares e não será surpresa para si saber que me dão jeito, mas...

— Pode liquidar o empréstimo bancário do *Maine*.

— Mas não faço nada ilegal por dinheiro.

— Nem eu lhe pediria isso. Sou advogado.

— E os seus amigos? Também são advogados?

— Não. Mas posso garantir-lhe que as únicas leis que vai violar são leis cubanas. Isso incomoda-o?

— Só se for apanhado.

— A questão é essa. Se não for apanhado fica dois milhões de dólares mais rico sem violar nenhuma lei americana. — Sorriu. — A não ser que não pague os impostos devidos sobre esse dinheiro.

Pensando em morte, impostos e ser apanhado, perguntei a Carlos:

— Quão perigoso?

— Isso é você que vê quando souber qual é o trabalho.

— Quão perigoso, Carlos?

— Cuba é perigosa.

— Está à espera de que eu arrisque a vida por uns míseros dois milhões de dólares brutos?

Ele olhou para os meus braços nus. As cicatrizes de estilhaços e queimaduras não se bronzeavam bem.

— Arriscou a vida por muito menos no Afeganistão.

— Isso foi trabalho para o Estado. Com saúde gratuita.

— Recebeu a Estrela de Prata e dois Corações Púrpura. Logo, o perigo não é novidade para si.

Não respondi.

— Foi por isso que pensámos em si.

De novo, não respondi.

— E tem um bom barco. — Ele sorriu. — Gosto do nome. *Maine*. Muito simbólico. Parte da nossa história partilhada.

— Dei-lhe esse nome por causa do meu Estado, não do navio de guerra.

— Sim, vem de Portland. E não tem responsabilidades familiares aqui, responde apenas por si. Além disso, enquanto antigo oficial do Exército, sabemos que podemos confiar em si.

— Por vezes bebo de mais.

— Desde que não fale de mais. Também não tem ligações com os grupos anticastristas e presumo que não tenha sentimentos positivos em relação ao regime comunista. Correto?

— Aqui entre nós dois, Carlos, estou-me marimbando. Para os dois lados.

— Isso diz você. Se eu tivesse de apostar dinheiro, e até tenho, diria que gostaria de ver os cabrões dos comunistas pelas costas. — Voltou a sorrir. — Podia fazer passeios até Havana.

— Vou poder, quando as relações melhorarem.

— Espere sentado. Até lá, tenho dois milhões de dólares em cima da mesa.

Olhei para a mesa. Não estava lá nada além do cartão de visita e de um cinzeiro. Ainda se pode fumar neste bar.

— Os trinta mil pelo torneio agradam-me — disse eu.

— Capitão, eu não quero saber verdadeiramente do torneio. É só uma fachada, como sabe. Na verdade, o senhor nem sequer vai viajar para Cuba no *Maine*. Quem o fará é o seu imediato, Jack Colby. Nós fornecemos outro tripulante, além de três pescadores ávidos. Você vai de avião para Havana, num voo *charter* autorizado com um dos meus clientes, e pouco depois de o seu trabalho estar concluído, vai ter com o seu barco e sai de Cuba a bordo dele.

— Transportando o quê?

Ele inclinou-se para mim.

— Cerca de sessenta milhões de dólares em moeda americana. Dois dos quais ficam para si.

— Cinco.

Carlos olhou para mim.

— Terá de negociar isso com os meus clientes.

— *Okay*. E qual é a recompensa para o meu imediato?

— Isso é consigo. — Depois, informou-me: — O senhor Colby não precisa de arriscar a vida, pelo que não tem necessidade de conhecer os pormenores.

— Quem mais arrisca a vida?

— Mais alguns.

— Você?

— Não. Sou *persona non grata* em Cuba.

— Certo. — Bom, no hospital tinha prometido a mim mesmo que, no futuro, ia ter mais cuidado. Mas...

Carlos olhou de relance para o *Rolex*.

— Penso que já lhe dei informação que chegue para decidir se quer falar mais com os meus clientes, que estão à disposição.

Pensei naquilo. A informação sobre a missão. Já fora voluntário em missões perigosas, pelo meu país. Agora era por dinheiro. Muito. E talvez não fosse tão perigoso como Carlos pensava. Para Carlos, jurista em Miami, guiar de volta a Miami às escuras já era perigoso. Mas para mim a bitola do perigo estava tão alta que mesmo agora, quatro anos depois do Afeganistão, não

sentia que houvesse muita coisa com que eu fosse incapaz de lidar. Daí, talvez fosse por isso que tinha ido parar ao hospital.

— A minha cliente, com quem irá até Havana, pode falar consigo hoje à noite. E será muito honesta consigo — disse Carlos.

Uma mulher?

— Para ser sincero, estamos a entrevistar outros por causa deste trabalho.

— Aceitem o que pedir menos — pus-me de pé —, e pague a conta do bar, por favor.

Carlos levantou-se.

— Posso mandar os meus dois clientes ao seu barco daqui a um quarto de hora. Devia ouvi-los.

— Já ouvi que chegue.

Ele parecia muito desapontado.

— Tudo bem. Vou informar os meus clientes. Ou... tenho uma ideia. Informe-os você mesmo. Podemos reservar o seu barco para um cruzeiro hoje, ao pôr do Sol? Quanto leva por isso?

Carlos era arguto. Ou pensava que era. Devia ter-lhe dito «*Adios*», mas respondi:

— Faça-me uma proposta.

— Dois mil.

— Quantas pessoas?

— Três, incluindo eu.

— Venha ter ao meu barco daqui a meia hora. O que é que bebem?

— *Cuba libre*. — Sorriu.

— Até já. Dê uma boa gorjeta à empregada do bar.

Atravessei o bar ruidoso, acenei a Amber e saí para a rua Whitehead. Ali ao pé ficava o quilómetro zero da Autoestrada 1, literalmente o fim da estrada que começava no Maine. Já tive pensamentos muito profundos sobre isso, regra geral alimentados a cerveja. E acabo de ter outro: uma viagem de cem milhas até Havana começa com um simples passo em falso.